

MINISTERIO

A reforma é mais psicológica, diz o ministro. Mas pode ajudar.

A reforma ministerial como caminho para resolver a crise econômica e política é uma questão que só o presidente Sarney pode decidir. Mas apesar de defender esse ponto de vista, o ministro da Previdência, Raphael de Almeida Magalhães, acredita que a reforma tem um aspecto psicológico mais profundo que propriamente causas efetivas. Por isso, ele negou ontem que o assunto da reforma ministerial significaria a existência de divisão dentro do governo: "Todos são responsáveis pela administração das dificuldades e problemas que se acumularam ao longo do tempo".

Mesmo com o desmentido de Raphael de Almeida Magalhães tem sido impossível evitar especulações a respeito da substituição ou remanejamento dos ministros. Uma delas foi a reunião que o ex-ministro Armando Falcão teve ontem com o ex-presidente Geisel e o empresário Roberto Marinho, além do governador cearense Gonzaga Motta. Segundo se comentou, eles teriam estudado a indicação de um substituto para o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que estaria demissionário.

"Não houve nada disso e eu nem mesmo tenho informações sobre a demissão do ministro Antônio Carlos", negou ainda ontem Armando Falcão. Segundo ele, a reunião no escritório de Geisel serviu apenas para conduzir Gonzaga Motta, "que quer se despedir de algumas pessoas no final de seu mandato".

Além de desmentidos sobre eventuais possibilidades de reforma, houve também protestos. O PFL mineiro, divulgou uma nota oficial em que condena os peemedebistas que criticaram o ministro Aureliano Chaves, por ter apontado falhas na política econômica do governo. "Os que se arvoram em censores do ministro revelam desprezo a memoráveis acontecimentos da história de nossos dias", diz o documento do PFL.

A nota denuncia ainda que o ministro tornou-se vítima do "farisaísmo político". "As críticas ao ministro têm um nítido caráter tendencioso e estão destituídas de inspiração patriótica."